



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Mídia e miniaturização¹

Mediatization and miniaturization

Anelise Angeli De Carli²

Resumo: Esse artigo reflete sobre a miniaturização perceptiva dos aparatos das TICs. É uma primeira investida no sentido de ver o simbólico que embasa a mediação, aqui começando por inverter a questão da mediação das polarizações para discutir a polarização da mediação. Aposta-se na perspectiva da materialidade para discutir a invisibilização da mediação técnica, concluindo-se que os objetos técnicos reaparecem perceptivamente quando eles "não funcionam", isto é, quando apresentam resultados indesejados, como a polarização política. Em seguida, a discussão mostra uma série de estratégias do sistema imaginário antifrásico ou místico que ajudam a pensar fenômenos ligados à diminuição da esfera perceptiva das mediações midiáticas até beirar o desaparecimento perceptivo, fazendo crer na existência de uma transparência.

Palavras-chave: Comunicação; Mídia; Imaginário; Epistemologia.

Abstract: This paper reflects on perceptual miniaturization of information and communication technologies devices. It is a first step in the direction of seeing the symbolic that bases the mediatization, here starting by inverting the question of the mediatization of polarizations to discuss the polarization of mediatization. It is based on the perspective of materiality to discuss the invisibility of technical mediation, concluding that technical objects reappear perceptually when they "do not work", that

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) com estágio de pesquisa no Institut de Recherches Philosophiques de Lyon (Université Jean Moulin Lyon 3) e membro do Imaginalis, grupo de pesquisa afiliado ao Centre International de Recherches sur l'Imaginaire (CRI2i). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

is, when they present undesirable results, such as political polarization. Next, the discussion shows a series of strategies of the antiphrastic or mystical imaginary system that help to think phenomena related to the diminution of the perceptive sphere of the mediatic mediations until facing its perceptive disappearance, making believe in the existence of a transparency.

Keywords: Communication; Mediatization; Imaginary; Epistemology.

1. Introdução

Na atual cultura da mídia (FAUSTO NETO, 2008), a lógica particular da interação midiaticizada atravessa e redireciona todas as práticas sociais, participando da atualização do processo social de construção da realidade. É por esse motivo que se diz que essa “organização sócio-simbólica” que Fausto Neto (2008, p. 93) chama de “mediatização” se impõe como dinâmica central da sociedade contemporânea.

Considerando que a realidade não antecede as práticas, isto é, que são as práticas que criam a realidade (MOL, 2008), é possível pensar que a partir do momento em que a mídia se integrou às rotinas das instituições sociais tradicionais – como trabalho, religião, família e política –, ela também ajudou a projetar novas formas de interação através dessas mesmas mídias (HJARVARD, 2012). É precisamente essa articulação entre práticas sociais e ambiente midiático que caracteriza a perspectiva teórica da mediatização para pensar os fenômenos sociais contemporâneos, segundo Martino (2019). Essa proposta sugere uma superação das tendências teóricas de se preocupar ou com a “mídia” (como instituição, tecnologia ou linguagem) ou com a “sociedade”, tomando as duas entidades como grandezas apartadas. Pelo contrário, agora que “a mídia [...] passa a ocupar um espaço dentro das práticas sociais” (MARTINO, 2019, p. 21), os dois processos tornam-se indiscerníveis.

Aliar-se à perspectiva da mediatização significa colocar em evidência que, mais do que vivemos em uma paisagem midiática, a lógica das mídias se encarna e se manifesta nos nossos modos de existência – o que Sodré (2008) chamada de *bios*. Isso



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

equivale pensar a mediação não só como um processo que nos ajuda a conhecer o mundo em que vivemos (possibilidade epistemológica), mas que instaura mesmo esse próprio mundo (possibilidade ontológica). Essa dupla presença da mídia como mediadora teórica dos processos sociais ajuda a perceber que o que está em jogo quando propomos uma problemática através das lentes da mediação não é somente a instauração de um projeto capitalista macroestrutural e suas decorrências na vida cotidiana dos indivíduos. Pelo contrário – e é esse aspecto que pretendo explorar nesse texto –, a fomentação dessa estrutura também se dá de modo articulado com ações e práticas microscópicas. A apropriação dos aparatos e lógicas midiáticas por parte dos sujeitos dá a ver um processo complexo que só se preenche de sentido quando levamos em consideração o fazer milimétrico.

Esse fazer contado aos milímetros está literalmente potente de descrições para o processo de mediação como pelo menos ele tem se apresentado nas últimas décadas, no que concerne às tecnologias de informação e comunicação (TICs). A diminuição dos aparatos é flagrante: microprocessadores, *nanochips*, interfaces ópticas, tatuagens *hi tech* estão se tornando progressivamente comuns. Mas essa diminuição também se refere à mediação através da qual os aparatos se apresentam: são interfaces amigáveis, ocultamento de códigos organizadores nos buscadores e da dinâmica de algoritmos escondida atrás do oferecimento de serviços online. Essa lógica que Carbone (2018) tem chamado de “transparência 2.0” – e que também tem reflexos políticos perceptíveis com a crise do sistema democrático representativo e partidário nas última década em vários lugares do mundo – me parece estar, antes, ligada a uma lógica de desaparecimento, um desaparecimento da mediação que se dá através da miniaturização das materialidades que justamente tornam perceptíveis ao sentidos, a agência de outros sujeitos – o programador, o técnico, a empresa, o algoritmo e, assim, favorecem o crescimento da esfera do sujeito usuário das TICs, numa crença de autossuficiência.

Esse artigo apresenta uma primeira investida nessa investigação ao tentar mapear o ambiente midiático desse desaparecimento no tocante ao problema da polarização. Para isso, confio essa reflexão às relações simbólicas (no sentido do imaginário da Escola de Grenoble) que a miniaturização das aparências pode traçar entre o mundo dos



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

objetos da comunicação e a produção de sentidos que povoam a tópica sociocultural de uma época.

2. Mídia e polarização ou polarização da mídia

Nos últimos anos, crises no sistema político democrático ao redor do mundo perceptíveis em protestos e eleições de discursos polarizados têm fortalecido a ideia de que as mudanças nas formas como nos comunicamos no século XXI através da internet possam ter relação com a forma como dotamos o mundo de sentido. Grosso modo, são relativamente contemporâneos dois fenômenos sociais do nosso maior interesse: o advento protagonista das conversações online através de redes e fóruns e o acirramento de discursos políticos.

Há duas hipóteses concorrentes a respeito do efeito que os sites de redes sociais podem causar em termos de produção de opinião, facilitando ou atenuando a polarização (LEE *et al*, 2014). A primeira propõe que as pessoas tenham a tendência de expor-se a pontos de vista parecidos com os seus, evitando perspectivas dissonantes, o que levaria à formação de opiniões mais extremas, sendo essa dinâmica favorecida pela lógica das ferramentas de filtro próprias das redes sociais virtuais (SUNSTEIN, 2011) levando a uma incivildade geral³. De outro lado, existe também a hipótese de que a internet permita o encontro de indivíduos com perspectivas diferentes, muitas das vezes no formato do testemunho – um braço forte da poética da mídia digital (FROSH, 2019) –, criando um encontro inesperado e frutífero que possibilita a tomada de posição mais moderada (BIMBER, 2004; PAPACHARISSI, 2002). Lee *et al* (2014, p. 704, tradução minha) fazem uma retomada de vários estudos, adicionando importantes nuances a esse panorama geral:

Estudos mostraram que pessoas estão mais propensas a selecionar fontes de informação consistentes a sua pré-disposição político-partidária [...] e seletivamente procurar informações sobre questões de debate público que elas pensam particularmente serem importantes

³ Nos termos de Niall Ferguson, uma “sociedade incivil”.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

[...]. Mesmo assim, há conclusões que indicam que indivíduos não evitam fontes de informação incompatíveis e, portanto, frequentemente depara-se com pontos de vista opostos [...]. Embora indivíduos tendam a procurar informação consistente com sua opinião pré-existente [...], eles não sacrificam ativamente e sistematicamente contato com opiniões desafiantes [...]. Tal exposição a diversos pontos de vista é reforçada e aumentada, em particular, pelas características estruturais do novo ambiente midiático.⁴

Na palestra de abertura do III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais da Unisinos, em São Leopoldo, em 2019, Bernard Miège afirmou que, com o desenvolvimento progressivo das tecnologias de informação e comunicação (TICs), a revolução digital nos fez chegar a um ponto incontornável. Hoje, os sites de redes sociais, que chamamos vulgarmente de “mídias sociais”, vencem na concorrência em relação a outras mídias, como televisão, rádio, jornal e cinema. E essa vitória faz com que localizemos, obrigatoriamente, no coração das novas mídias e, portanto, mídiatizações a dupla algoritmos/*big data*.

Essas mediações possuem suas especificidades e, de modo a fazê-las funcionar adequadamente, comportamo-nos como nos é esperado através delas, isto é, aplicamos nos nossos modos de utilizar essas mídias as lógicas esperadas dos seus usuários eficientes. Como exemplo, Miège (2019) apontou que o “rastros dos algoritmos” nos obriga a fazer escolhas a respeito do nosso uso das redes, como aquelas que sejam proveitosas para o bom desempenho da nossa “fábrica de reputação”. Essa mediação baseada no *ranking* de algoritmos – e aos filtros que personalizam os resultados que os motores de busca nos apresentam – descreve o advento de uma “razão calculatória”, que substitui uma racionalidade social. O ponto importante a se ter em mente, para Miège (2019), no entanto, é que os “eventos massivos”, ou seja, aqueles que surgem através e conforme as lógicas das redes sociais, ocultam a dimensão social e estão longe de serem representativos do funcionamento das sociedades. Para ele, portanto, o efeito mais importante da dupla algoritmos/*big data* nas relações sociais não é a série de novos

⁴ No original, “*Studies have shown that people are more likely to select information sources consistent with their partisan political predisposition [...] and selectively seek out information about public affairs issues that they think are personally important [...]. Nevertheless, there also are findings which indicate that individuals still do not avoid uncongenial information sources and thus often come across opposing points of view [...] Though individuals tend to seek out information consistent with their own pre-existing opinions [...], they do not actively and systematically sacrifice contact with challenging opinions [...]. Such exposure to diverse points of view is reinforced and augmented, in particular, by structural characteristics of the new media environment*”.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

problemas sociais que eles provavelmente ajudam a alimentar, mas o fato de que essa dupla muda a nossa maneira de entender os problemas sociais. Logo, fenômenos como o fortalecimento da polarização das opiniões políticas, de acordo com o seu modo de ver, devem ser compreendidos como um acontecimento relacionado às formas específicas como esse debate é agenciado através de plataformas como, por exemplo, o Facebook, mas não se pode perder de vista o fato de que há motivações externas às TICs, como a desigualdade social e os projetos políticos e econômicos – que, por sua vez, também ajudam a descrever o funcionamento dessas mesmas redes sociais virtuais.

Seguindo nessa linha, um das “motivações externas” à polarização dos agrupamentos sociais por divergências ideológicas perceptível na esfera midiática pode ser pertinente não somente ao “software” das TICs, da sua lógica interna, mas ao “hardware”. A própria materialidade do aparato também entrega uma série de rastros e vínculos com as práticas sociais que são tão pertinentes quando os seus códigos de uso e modos de funcionamento. Em outras palavras, não é somente a mediação algorítmica da linha do tempo personalizada do Facebook⁵ ou os motores de busca personalizados como os do Google. A forma como as mediações se fazem presentes materialmente também agenciam os atores ao redor dela - principalmente se estivermos pensando sobre as mediações da mídia, que por definição são circunstanciais aos meios através dos quais atuam. Logo, essa observação simples evita que, para pensar os efeitos da mediação nas polarizações, a análise caia no erro inverso, de polarizar as mediações, isto é, afastar em pólos separados características que, antes de seres opostas, são complementares para pensar a mídia.

3. Perceber e ser o objeto técnico: uma questão de perspectiva

Nossa relação com as TICs na era da mediação tende a ser pensada a partir de um paradigma da exteriorização (CARBONE, 2016, 2018): a ideia de que o corpo é projetado para fora de si através das máquinas tendo, assim, suas capacidades estendidas e ampliadas. Fazendo um esforço para escapar do quadro antropocêntrico e

⁵ A esse respeito, recomendo a tese de Araújo (2017).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

descorporificado de explicação e levando em consideração também a agência compartilhada dos objetos técnicos nessa articulação específica, poderíamos pensar que o corpo também é uma espécie de prolongamento do objeto técnico. Tomar o objeto técnico não somente como aquilo que é acoplado ao nosso corpo orgânico, mas como um complexo que considera também nosso corpo como parte dele, é o que permite a Carbone (2016, 2018) propor uma inversão desse paradigma tradicional das próteses tecnológicas: ele propõe pensar em vez uma exteriorização, uma interiorização. Essa interiorização traz uma série de consequências. Como qualquer coisa que entra em contato com o corpo, ele é contaminado pela sua plasticidade (CARBONE, 2018). Considerar que o objeto técnico que entra em contato com o corpo continua somente técnico e o corpo continua somente orgânico é estar desavisado da capacidade do corpo de ser técnico e orgânico ao mesmo tempo.

Dessa maneira, gostaria de situar a discussão da mediação em termos da materialidade dos objetos, isto é, entender que o processo de mediação é o que seus aparatos fazem nessa articulação, ao mesmo tempo em que fazemos algo com esses aparatos. Nesse sentido evitamos um vetor de sentido que vai desde os humanos até seus objetos técnicos – e assim tomamos-los como herdeiros de “capacidades humanas” – mas que compreende também o que esses objetos técnicos nos fazem fazer.

Se todos os meios [*medium*] têm algo em comum é a característica de desaparecerem (MERSCH, 2018, p. 25). Levando em consideração a articulação necessária da mediação entre práticas e técnicas e o não-essencialismo pragmático da ontologia orientada para os objetos, as formas materiais, por assim dizer, os aparatos da mediação são somente aquilo que eles nos fazem fazer. Seguindo adiante, nesse emaranhado corpo-objeto – que está, para nossas considerações, aqui, em igual condições de agência – é a partir da efetivação dessa relação que nosso corpo também se torna técnico – e, assim, nosso modo de existência é mediado. Essa operação (ver o corpo mediado como também técnico) não é assim tão simples. Ela depende de gatilhos que transformem a “transparência” da mídia em fenômeno novamente opaco – ou no mínimo perceptível.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Como explica Akrich (1987), o objeto técnico volta a ser percebido como “técnico” quando não funciona, ou, ainda, quando funciona de maneira errada, evidenciando os papéis que delegou a cada um dos agentes ao seu redor. Por estabelecerem um modo de relação entre humanos e não-humanos e atribuir a esses dois atores um papel específico, é possível afirmar que os objetos técnicos participam da construção de uma cultura – no sentido atribuído para “cultura” pela antropologia social – e a partir desse momento já se constituindo como mediadores da nossa relação com o real (AKRICH, 1987). Essa distribuição de papéis na relação instaurada pelos objetos técnicos gera entre os atores sociais certas responsabilidades (como no caso de um objeto “funcionar” ou não) e, por consequência, cria-se uma espécie de “moral” ao redor de seus usos (AKRICH, 1987). Para compreender a “ação” dos objetos técnicos no mundo, é preciso, segundo Akrich (1987), olhar para o meio do caminho entre o projeto que lhe deu origem e os usos sociais – sempre transgressores – que se lhes fazem.

Não fica difícil trazer essas considerações para nosso tema específico. Poderíamos pensar, para fins de exercício, que uma das “falhas” do objeto técnico “sites de redes sociais” é precisamente ir contra o projeto de encontro entre indivíduos diferentes e contribuir para a criação de um ambiente amigável para as diferenças. Pelo contrário, o que essa articulação parece ter favorecido é a polarização das opiniões políticas, sendo esse o motivo pelo qual colocamos novamente em evidência a mediação que esse objeto técnico produz.

Akrich (1987) afirma que um objeto técnico define não somente os atores e as relações entre esses atores, mas deve, para continuar a funcionar, estabilizar esses papéis. E é quando o papel desse objeto técnico é quase estabilizado que ele desaparece, tornando-se, assim, um instrumento de conhecimento – e tornando-se aí, mais indispensável que nunca. Ela avança: “Essa naturalização chega ao limite da despolitização” (AKRICH, 2014, p. 181).

Novamente, é quando os papéis dos atores ao redor do objeto técnico se tornam circunscritos que a mediação desaparece perceptivamente – é quando o objeto técnico realmente “funciona”. Mas quando surgem discussões, desavenças, chegando à



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

violência física, que escapa do ambiente asséptico da telemática, a mediação do objeto volta a aparecer, dessa vez como um problema, como um atravessador facilmente culpabilizável pelas polarizações que se fizeram perceber através dele. Perceber essa rede de implicações é diferente de perceber nela uma explicação para o surgimento do problema, por mais que sejam questões muito próximas e com nuances muito sutis. Esse engano aparece justamente porque a percepção (renovada) da existência de uma mediação e a própria agência (esquecida) dessa mediação são esquemas explicativos com simbolismos muito próximos. Os dois colocam uma luz sobre algo que estava invisibilizado, seja por esquecimento, seja por bom funcionamento. E a estratégia cognitiva da percepção de sentidos opostos pertence a uma organização da racionalidade oposta àquela do desaparecimento perceptivo ou fusão entre os opostos

4. Aspectos simbólicos da diminuição da presença até ao desaparecimento

Esse termo, o “acirramento das diferenças”, que poderia estar por detrás do crescimento da intolerância, faz parte de um regime simbólico específico dentre os três propostos por Durand (2016). Aqui me filio ao edifício teórico que vem sendo construído por Barros (2010, 2013) para olhar os fenômenos sociais da comunicação social através do caleidoscópio teórico do imaginário. Essa problematização também está circunscrita à proposta de Wunenburger (2002) de levar a teoria de Durand (1998, 2016) como propriamente uma antropologia filosófica e não uma investida somente sobre a cultura visual, isto é, tomar o sistema imaginário como uma organização da racionalidade e não como uma algo que poderia também ser chamado de uma teoria da imagem.

Nesta teoria, a imaginação simbólica é o que encaminha as estratégias da racionalidade, organizadas em diferentes esquemas. Por serem simbólicos, é pacífico resumir que a descrição do que sejam os elementos próprios dessas três estruturas nunca vai ser total ou definitiva, pelo contrário, ela será sempre temporária e acessível somente através daquilo que consegue materializar. Fazendo uma metáfora com o que exploramos antes sobre as redes de ação, é como perceber os agentes presentes em uma



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

rede através dos rastros de suas agências, em vez de antever um elenco já esperado de sujeitos ao redor de fenômenos sobre os quais eles obrigatoriamente têm, eles e somente eles, agência relevante. Por esse motivo acredito que é perfeitamente coerente traçar um quadro analítico que conjugue a perspectiva ator-rede com a do imaginário durandiano.

No concernente aos humanos dessa relação, diante dos acontecimentos, suas estratégias biopsíquicas são poucas, e delas advêm três grandes esquemas de racionalidade (DURAND, 2016). Os sujeitos (1) identificam, excluem e/ou aniquilam a diferença, agindo contra ela, ou (2) agem numa lógica eufemista de abrandamento das divergências, numa estratégia de intimidade e aproximação ou diminuição, ou, ainda, (3) convivem com a total harmonização das polaridades, no que se chama de “coincidência de opostos”. Esquemáticamente, a resposta que se dá ao mundo é sempre a ação junto de uma produção simbólica que a embasa, um princípio lógico que deriva de uma experiência do corpo: distinção, confusão ou religação (DURAND, 2016).

Algo que é perceptível na esfera do social arrasta consigo as lógicas de seu regime simbólico fundante (DURAND, 1998). No tocante ao tema desse texto, geralmente vemos o problema da intolerância como consequência do acirramento das diferenças – o que estaria ligado a um desses regimes simbólicos, a saber, o primeiro, da distinção. A racionalidade esquizomórfica (DURAND, 2016) está relacionada a uma imaginação que distingue, estabelece diferenças conceituais e, por fim, acaba por hierarquizar as ideias que separa. Essa organização em pólos mostra uma preocupação com o encontro – será que é possível conversar política com um adversário? – pois entende que é conflituosa e no limite impossível o encontro entre adversários. Esse encontro geraria, necessariamente, conflito porque os elementos postos em relação estão levando adiante uma lógica: identitária, excludente, hierarquizadora, o princípio de explicação da exclusão e da contradição característicos do regime esquizomórfico do imaginário (DURAND, 2016).

Ainda me valendo do mesmo quadro para pensar outra abordagem dessa questão: a polarização é um fenômeno negativo, é preciso enfrentá-lo, vencê-lo, superá-lo. Essa própria pré-disposição ou tendência de pensar é uma variação do marco epistemológico do mesmo regime simbólico, pois ela contém em si a disposição lógica



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

de que em algum lugar há uma dinâmica melhor do que a da polarização. Logo, há uma hierarquização entre algo melhor e algo pior e um chamado para o enfrentamento, a aniquilação daquilo que é percebido como errado.

Nota-se pelos exemplos *en passant* que a teoria do imaginário é uma abordagem epistemológica, pois ela investiga as condições de possibilidade da produção de sentido, tomando como precedente ontológico do conceito, o simbólico. Minha proposta é, agora, fazer um exercício de pensar esse mesmo problema da polarização dentro da chave de outro regime simbólico, a saber, não o acirramento das diferenças, mas de seu abrandamento das diferenças – chamado regime simbólico místico ou antifrásico (DURAND, 2016). São alguns os rastros que me fazem crer possível propor essa torção.

(I) Em primeiro lugar está a progressiva diminuição do tamanho dos aparatos das TICs possibilitada pelo avanço do microprocessamento. Nesse momento é impossível entrar na imensa seara de coisas que também são invisibilizadas para que seja possível sequer falarmos de microprocessamento, como a extração de mineiras e os problemas ambientais, climáticos e diplomáticos no território africano, mas essas questões devem evidentemente ser levadas em consideração se estivermos tratando do termo com uma dedicação maior. De qualquer maneira, essa diminuição no tamanho dos aparatos conduz a uma miniaturização física do universo material que torna possível e visível o processo de midiatização. Na última tendência dessa sofisticação de *hardware*, aparece a pele aumentada. Essa tecnologia que consiste em um chip acoplado à pele e disfarçado por vezes em tatuagem exemplifica radicalmente a questão da diminuição da esfera fenomênica das TICs, seu desaparecimento enquanto aparo e sua transformação em “parte do corpo”, no limite, numa “interiorização” da midiatização. A miniaturização é um tipo de símbolo de imersão, típico do esforço de eufemização do regime místico.

(II) Ao lado dessa invisibilização do *hardware*, está a do *software*. Se antes a tela e o teclado do computador pediam toda uma educação do olhar para mouse na tela, um aprendizado de digitação e um posicionamento específico dos braços e dos olhos, hoje uma pessoa pode usar seu aparelho com *touchscreen* deitada no sofá ou andando na rua. São, claro, outras as mediações, outra educação do olhar, outro aprendizado de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

digitação, outro posicionamento corporal. Essas mediações exigidas para relacionar-se com os objetos da mídia não desapareceram, só se transformaram, transformando-se em exigências mais brandas. Os estudos estratégicos de design e de experiência do usuário facilitaram exponencialmente o acesso de “analfabetos de código computacional” às TICs. Associado a isso está o desenvolvimento preferencial das *graphical user interfaces* (GUI), que permitem um uso super facilitado dos dispositivos digitais para um maior número de usuários não especialistas na linguagem dos códigos. Elas “apagam” a esfera de mediação do código, mas o código não desaparece. Ele se torna mais amigável porque imperceptível, o objeto técnico desaparece quando funciona.

Quando um problema ocorre no uso do nosso computador, por exemplo, e o código reaparece em uma tela azul, lembramos da condição técnica que tem esse aparelho – e que nossa prática social também tem, pois é mediada por ele. É justamente essa falha um rastro eficiente para percebermos que episteme está sendo mobilizada para compreendermos a mediação das TICs. Nossos usos sociais inserem-nas de modo a fazer desaparecer sua condição técnica somente enquanto elas estão bem operantes, bem acopladas às práticas que dependem dela. Mas, como sempre, toda tela, isto é, toda mídia, para mostrar algo, precisa ocultar outra (CARBONE, 2018). A face quebrada dessa tela preta aparece quando o conteúdo que essa tela deveria mostrar entra em pane – como na famosa abertura do seriado Black Mirror. Afastamos o objeto técnico para fora novamente, relembramo-nos de sua condição técnica e, assim, mudamos de estratégia de produção de sentido: saímos de um regime simbólico místico e entramos regime simbólico esquizomórfico.

(III) Um terceiro ponto diz respeito ao acirramento das adversidades, como vemos hoje no cenário do debate público. Vamos pensar aqui que isso, a polarização, é um sintoma (DURAND, 1995), isto é, um sintoma social de uma imagem simbólica. Como já disse, em vez de pensar numa chave de leitura do afastamento e do aniquilamento do outro (como quer um simbolismo próprio do regime esquizomórfico), o que seria possível ver se olhássemos para isso através dos óculos do regime antifráscico? Com os simbolismos da intimidade, próprios desse regime, poderíamos propor a hipótese de que em vez de afastamento, há uma aproximação tão forte que



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

borra as fronteiras entre o eu e o outro, inviabilizando a experiência da alteridade. É a lógica da confusão. Essa indistinção geral estaria na base da explicação para a crise representativa dos regimes democráticos, para o esquecimento da mediação dos aparatos técnicos, para um esquecimento total do funcionamento de dispositivos em perfeito funcionamento.

Assim dizendo, parece que estou fazendo crer que toda lógica de desaparecimentos dos objetos técnicos é perversa, mas gostaria de apontar o quanto isso mesmo é uma estratégia da racionalidade esquizomórfica. Por exemplo, de um marca-passo é esperado um funcionamento tranquila, silenciosa e imperceptivelmente. Do contrário, a vida de uma pessoa está em risco. Mas o mesmo se pode esperar de aparatos mais simples como nossos óculos, sapatos, escovas de dente. Esperamos que elas desempenhem suas funções. O que quero mostrar aqui é que enquanto elas desempenham bem, elas pertencem ao nosso mundo, estão acopladas a nós; mas quando não funcionam, nos fazem mal, já não nos servem. Queremo-las fora, longe. Assim, nos valem, a depender das circunstâncias, das duas estratégias de racionalidade de que estamos falando. Elas são pertinentes em diferentes circunstâncias. Tomar uma estratégia como boa e outra como ruim é, de novo, acionar uma das estratégias, a que permite distinções e hierarquizações.

Da mesma forma no caso das polarizações, até que o outro se apresente como o outro, há um desaparecimento perceptivo. As redes sociais virtuais parecem trabalhar com imperativos imagéticos cuja forma de aparecer parece acolhedora, intuitiva, aberta para a pluralidade (haja vista a metáfora da ágora virtual). Inversamente às lógicas da exclusão da diferença, os princípios de explicação favorecidos no esquema simbólico antifrástico são aqueles característicos das analogias – isto é, os processos aproximam-se entre si nos termos ligados a suas aparências, criando uma impressão de unidade, uma viscosidade imagética que se baseia no realismo sensorial (DURAND, 2016). Houve uma absorção do diferente como se fosse o mesmo. O abrandamento superficial das diferenças é tão agudo que produz uma inversão. O acirramento dos “agrupamentos ideológicos” nessa suposta ágora virtual evidencia um processo interno de heterogeneização, em que as divergências entre um ator e outro desse fenômeno se



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

tornam intransponíveis. No regime místico reside o que Durand (2016) chamou de esforço antifrásico, quando uma imagem simbólica contém o seu oposto. Assim, a crise nesse ambiente potencialmente pacífico de encontro e troca pode ser resultado de um fenômeno que antes uniu indiscriminadamente diferenças incomensuráveis.

Como um objeto técnico, na racionalidade, o simbolismo é a mediação que agencia os diferentes atores da própria rede que ajuda a criar. Logo, os mesmos elementos estarão compostos de acordo com a técnica ou com um simbolismo específico e podem estar compostos em lugares diferentes em estruturas simbólicas diferentes. Quando funciona, essa técnica, esse simbolismo, passa despercebido. Há um apagamento superficial das diferenças enquanto, no íntimo, há uma pulsão de contrários, como supõe-se de um fenômeno animado pelo regime simbólico antifrásico. A partir do momento em que ele não “funciona” mais, isto é, que há um rompimento na rede formada, a técnica reaparece e é trocada por outra. Assim como trocamos o óculos inutilizado, consertamos o computador quebrado, trocamos de estratégia racional por uma outra que funcione para lidar com um novo problema que se apresenta. Quando o outro se mostra pleno em sua alteridade, desafia os limites daquilo que pode fazer um simbolismo antifrásico, por exemplo: ele não funciona mais e também precisa ser trocado. A estratégia de abrandamento das diferenças dá lugar ao enfrentamento, e a imagem da polarização surge. É essa dinâmica, tão técnica quanto simbólica, ambas mediadoras, que possibilita que o projeto de espaço pacífico de encontro que foi a internet ou as redes sociais virtuais sejam exatamente o mesmo lugar do qual hoje despertem tantos discursos de ódio e polarizações.

(IV) Esse ponto nos leva a uma quarta hipótese, que me leva a crer que o simbólico em jogo na polarização não é exatamente esse dos opostos que o nome dela nos leva a crer. Poderíamos propor que esse acirramento das diferenças seja causado, antes, por um apagamento, uma crise de visibilidade das mídias, ou, ainda, uma “ignorância das mediações” (CARBONE, 2018, p. 30, tradução minha). Essa crença da representação direta, imediata, através da qual se promulgam alguns populismos (CARBONE, 2018), é efeito de algo que vem em resposta ao excesso de outra coisa. Como prevê a lógica da equilibração do sistema imaginário, onde um simbolismo de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

imersão está muito pronunciado, logo surge um simbolismo de distinção para equilibrá-lo.

O regime simbólico prevê em suas estratégias simbólicas uma viscosidade, um tempo lento de maturação, como no processo de digestão. Os elementos diversos são transformados, a fogo brando, em um terceiro produto que os funde. Mas essa queima é branda, lenta, processual. Essa imagem remete à processualidades (FAUSTO NETO, 2008) a que frequentemente nos referimos quando tentamos descrever o fenômeno da mediação, pois dado que a mediação sempre atualiza seus modos de efetivar-se, o processo nunca é conclusivo e a transformação que ela causa às práticas sociais mais diversas está sempre “em vias de”.

No entanto, como lembrou Durand (2016, p. 209), toda descida, quando acelerada, corre o risco de tornar-se queda. Esse processo de descida digestiva funciona quando acontece lenta e progressivamente, quando aos poucos vamos entrando em contato com a diferença e absorvendo-a. Com o desenvolvimento acelerado de aparatos cada vez mais facilitados e o acesso a uma quantidade gigantesca de informação de forma imediata o tempo corre mais rápido, a descida acelera. É nesse sentido que a descida, imagem simbólica própria do regime místico, que nos conecta com as profundezas, com a confortável caverna protetora, quando acelerada, vira queda. E é dessa maneira que uma produção simbólica pode, no limite, reativar a angústia da qual era solução, e os símbolos de imersão tornam símbolos catamórficos. Assim, se a eufemização falha – isto é apresenta-se isoladamente, sem a companhia de outra imagem simbólica, como a da lentidão – o símbolo que a motiva reaparece.

5. Considerações finais

Com esses pequenos exemplos dos quais pretendo tirar mais entrecruzamentos, proponho que essa constelação simbólica antifrásica, com seus símbolos de imersão, inversão, intimidade e miniaturização possam também ser utilizados como figura epistemológica para pensar a mediação. Esse vetor simbólico age como uma seta que tem uma mesma direção da afirmação identitária, mas o sentido oposto.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

Meu intuito nessa proposta não é, contudo, o de defender que a miniaturização dos aparatos que tornam possíveis a midiatização pertença única e exclusivamente ao universo simbólico místico. Esse exercício de pensamento pretende simplesmente adicionar uma outra possível mirada a partir da qual se problematize a midiatização e, assim, oferecer outros entendimentos para o mesmo fenômeno. Acredito, sobretudo, que esse descompromisso com um ou outro regime do imaginário revela a própria dinâmica desse sistema que, em busca de equilíbrio, vai trocando de estratégias conforme convêm às circunstâncias, isto é, sempre atualizando a rede que ativa certas pulsões subjetivas em face a diferentes coerções sociais, para usar os termos de Durand (2016). Pois estudar o imaginário de uma época não se trata de encontrar a qual regime de imagens algum fenômeno pertence. Mais do que isso, espera-se que essas relações permitam vislumbrar lógicas de sentido encobertas e indicar direções possíveis para uma equilíbrio do imaginário. Se há símbolos ascensionais em demasido, é preciso encontrar onde estão os símbolos de imersão – em que fenômeno social ele já está atuante, mas invisibilizado, ou em que próximo fenômeno social ele vai desembocar.

Referências bibliográficas

AKRICH, Madeleine. Comment décrire les objets techniques ? *Techniques et culture*. Éditions de la Maison des sciences de l'homme 1987, p. 49-64.

AKRICH, Madeleine. Como descrever os objetos técnicos? *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 4, n. 1, 2014, p. 161-182.

ARAÚJO, Willian Fernandes. *Os algoritmos do Facebook: um estudo dos primeiros 10 anos do Feed de Notícias*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2017.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário: uma proposta metodológica. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. O imaginário e a hipostasia da Comunicação. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 10, n. 29, p. 13-29, set./dez. 2013.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

BIMBER, B. *The internet and political fragmentation*. Democracy in the 21st Century Conference. Urbana-Champagne, 2004.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. *Animus*, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006.

CARBONE, Mauro. Faire de la philosophie par(mi) les écrans. In: CARBONE, M. ; DALMASSO, A.C. ; BODINI, J. (Orgs.). *Vivre par(mi) les écrans*. Dijon : Les presses du réel, p. 257-273, 2016.

CARBONE, Mauro. Des pouvoirs de l'archi-écran et de l'ideologie de la « transparence 2.0 ». In: CARBONE, M. ; DALMASSO, A.C. ; BODINI, J. (Orgs.). *Des pouvoirs des écrans*. Milan: Éditions Mimésis, p. 17-34, 2018.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1995.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 12 ed. Paris: Dunod, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da mediatização. *MATRIZES*, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FROSH, Paul. *The Poetics of Digital Media*. Cambridge/Medford: Polity Press, 2019.

HJARVARD, S. Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

LEE, Jae Kook; CHOI, Jihyang; KIM, Cheonsoo & KIM, Yonghwan. Social Media, Network Heterogeneity, and Opinion Polarization. *Journal of Communication*, v. 64, p. 702-722, 2014. doi:10.1111/jcom.12077

MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da mediatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. *Intexto*, Porto Alegre, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019.

McLUHAN, Marshall. *Understanding media*. The extensions of man. London/NY: Routledge, 2005.

MERSCH, Dieter. *Théorie des médias : Une introduction*. Les presses du réel: 2018.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In: Nunes, João; Roque, Ricardo (Org.). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, p. 63-75. 2007.

PAPACHARISSI, Z. The virtual sphere. *New Media & Society*, v. 4, n. 1, 2002, p. 9-27.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SUNSTEIN, C.R. *republic.com*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La vie dès images*. Grenoble: PUG, 2002.